

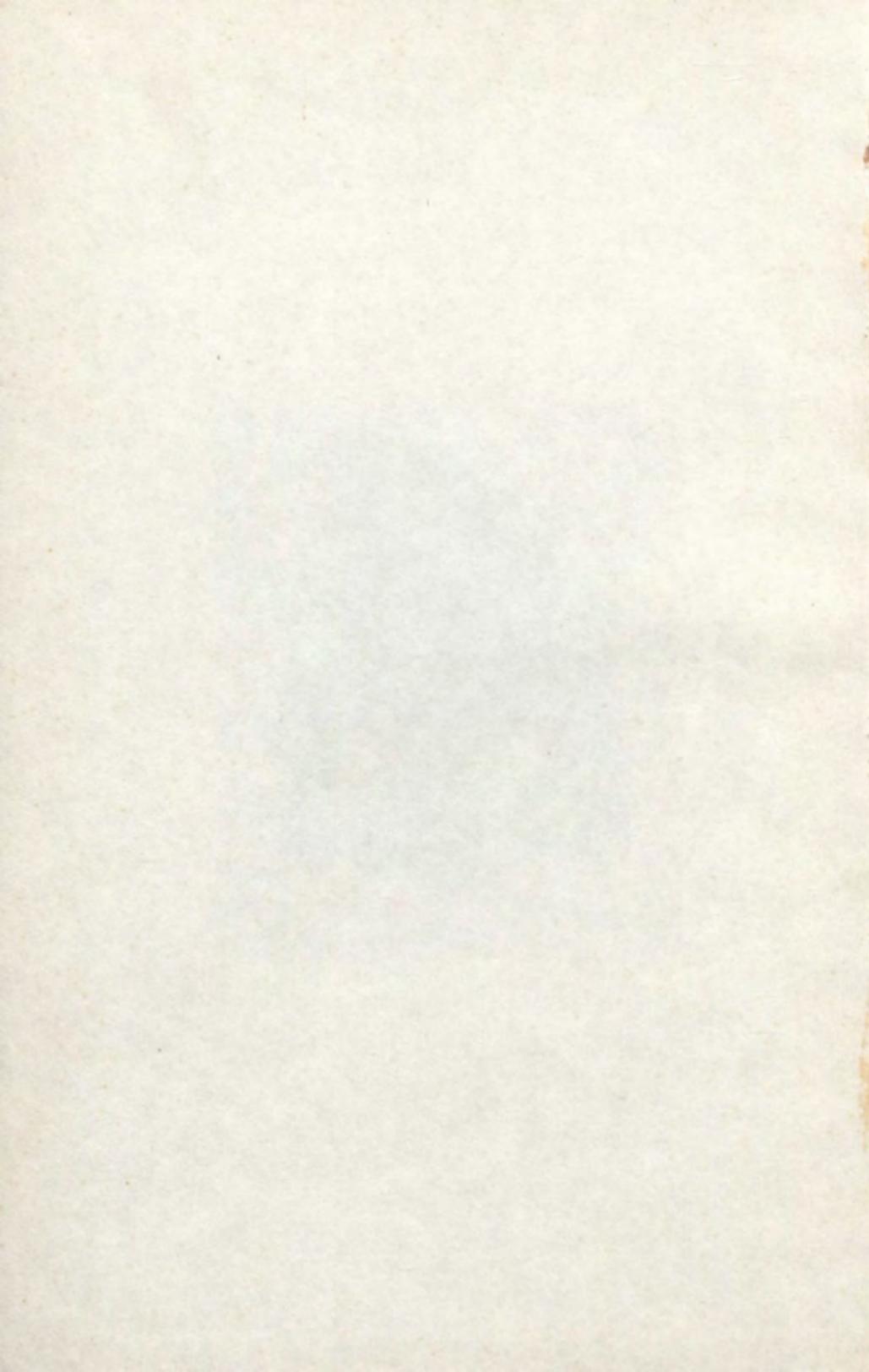
33.339

BATALHA  
DO BUSSACO

B. E.







200 1407  
5/18

# Batalha do Bussaco



FOR

838

NUMA POMPEU PEREIRA DA SILVA  
e  
ANTONIO GOMES JUNIOR

1.ª cabos do regimento n.º 18 d'infanteria do Principe Real



PORTO □ □ □ TYPOGRAPHIA A VAPOR  
DE ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO  
□ □ LARGO DE S. DOMINGOS, 67 □ □

Batalhão de Engenheiros  
BIBLIOTECA

A Bibliotheca de Suavia  
número de inf. - No 5, 80  
imperador da Austria Francisco Jose,  
Cuzo filho do Sr. Francisco  
a la tras l'anno sua  
historia escrita

Officium

Stuttgart

No nosso Illustre commandante

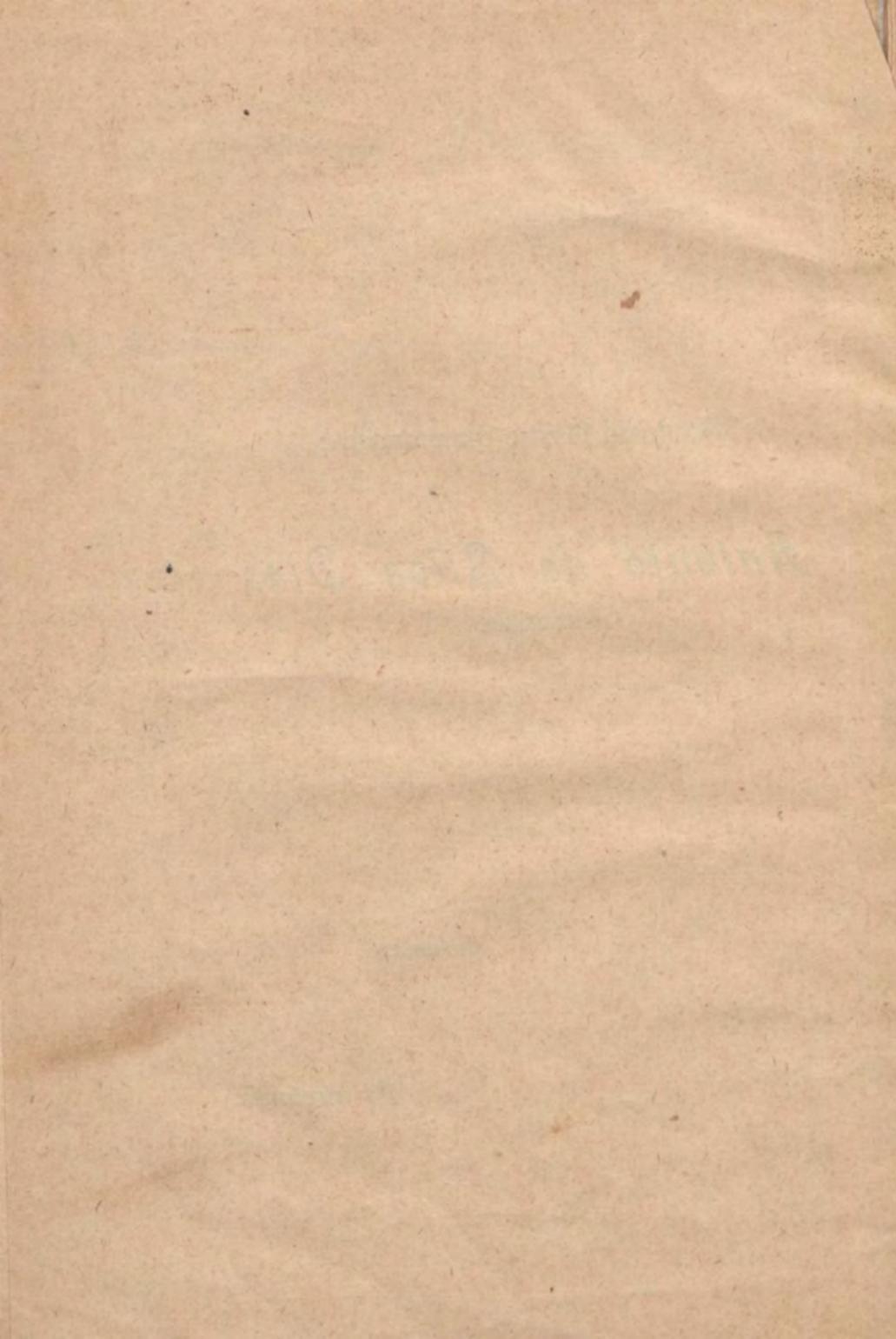
*Antonio da Silva Dias*

CORONEL

OFFERECEM

*Os auctores.*

Ind. 24-10-91/8



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

N.º 33-339 Custe 15/501

Aumentado em 15.06-88

C. D. 9.02.01.fj

*Aos illustres officiaes  
do nosso regimento*



OFFERECEM

*Os auctores.*





BATALHA do Bussaco é um dos feitos mais brilhantes em que o exercito portuguez mais uma vez mostra as suas tradicionaes qualidades de intrepidez e bravura. Tal feito em que o exercito francez sob o commando do marechal Massêna foi completamente derrotado e tanto mais notavel quanto é certo que Portugal atravessava uma das suas phases de maior ruina e decadencia da sua gloriosa historia, pois que além da devastidão e ruina causada pelas invasões francezas, até a propria familia real se evadira, fugindo para o Brazil, ficando o governo entregue a uma junta.

Subindo ao throno de França o grande Napoleão I que dorrotou varios exercitos como os da Austria, Allemanha e Russia, impondo o seu poder a toda Europa que teve subjugada, houve uma nação que pela sua situação especial geo-

graphica offereceu maior resistencia, sendo a Inglaterra, visto esta ser separada por mar e não poder por isso ser combatida pelas armas, o que determinou o imperador dos francezes reduzir-a pela fome, obrigando todas as nações a fechar-lhe os portos. Foi assim que Napoleão com o intuito de fechar tambem á Inglaterra os portos portuguezes e de conquistar Portugal que se conservava fiel alliado d'aquella nação, continuando com os seus portos abertos, depois de um tratado pelo qual perdiamos a nossa independencia para ficarmos sob o dominio do grande imperador enviou-nos um exercito sob o commando do general Junot, que invadindo o nosso paiz por Alcantara, entra em Lisboa dia 30 de novembro de 1807 com as suas tropas em um estado miseravel sem ter disparado um tiro, pois que não teve a menor resistencia, sendo até tratado como amigo para o que contribuiu não a falta de coragem que sempre os portuguezes tiveram nos maiores lances mas sim pelo estado moral em que nos encontravamos: pobres, arruinados e até sem governo legitimo, tendo fugido a familia real para o Brazil.

Depois de muitas tyrannias praticadas por Junot que se intitulava duque de Abrantes e

governador de Portugal, de toda a sorte de males causados pelos francezes roubando e assassinando, não podendo o povo portuguez já supportar tamanho peso de despotismo, são os francezes repellidos nas batalhas de Roliça e Vimieiro por tropas portuguezas e inglezas que nos auxiliaram, já por Inglaterra ver que por sua causa soffriamos, já tambem porque tinha interesse em dorrotar o seu inimigo fidal que era Napoleão, embarcando Junot para França levando armas e bagagens e todas as preciosidades e riquezas que tinha pilhado em Portugal.

Não se conformando Napoleão, que estava costumado á victoria, com esta derrota, enviou-nos pela segunda vez um exercito de 30.000 homens, commandados pelo general Soult, que invade Portugal pelo norte, apoderando-se do Porto, constituindo assim a 2.<sup>a</sup> invasão, sendo novamente derrotados pelas tropas portuguezas alliadas ás inglezas, commandadas pelo general inglez Wellesley, mais tarde duque de Wellington. Os desastres do exercito francez em Portugal surprehenderam Napoleão I, que para sujeitar este paiz forma uma expedição da flor das tropas francezas em numero de 83:000 a 84:000 homens, fazendo assim a 3.<sup>a</sup>

invasão, commandados pelo marechal Massêna, príncipe de Essling, a que Napoleão chamava o « Filho Predilecto da Victoria ».

Massêna com o seu aguerrido exercito invade Portugal pela Beira-Alta em agosto de 1810 e toma a praça de Almeida, que é destruida pela explosão d'um paiol de polvora aos 27 do mesmo mez. O exercito anglo-luso na força de 49:000 a 50:000 homens, commandados por Wellesley espera os francezes na serra do Bussaco para impedir que elles avancem sobre Lisboa. Wellesley com parte das tropas do seu commando espera o inimigo de frente, esperando impavidamente com inglezes e portuguezes o ataque dos leões de Napoleão e Massêna. A outra parte das tropas está entrincheirada n'uma paliçada construida com troncos d'arvores da matta do Bussaco, defronte de uma das portas da cerca da referida serra e occulta por traz do muro, em que o general havia mandado abrir furos para a infantaria fuzilar o inimigo. Fere-se a peleja ao romper do dia 27 de setembro de 1810. Os adversarios mal se veem atravez de um ar velado de nublina. A artilheria franceza inicia o combate de baixo para cima; é pouco damnoso o seu fogo porque os projecteis jogam pouco; a ar-

tilheria anglo-luso, de cima para baixo, produz numerosas baixas nas fileiras francezas. Entretanto espelhava-se o ar; os francezes, vendo bem as forças inimigas, attacam-nas impetuosamente á baioneta callada, recurso de que se serviram para romper o exercito de outras nações e raças.

Os commandantes dos regimentos portuguezes, que haviam de receber o choque da carga, recebem ordem de investir contra o inimigo tambem á baioneta callada sendo acompanhados n'este desesperado esforço por um ou dois regimentos inglezes.

Os francezes habituados a encontrar inimigos brandos, não quizeram experimentar a dureza das bayonetas d'uns soldados bisonhos, que defendiam a terra da sua patria com grande fervor e abnegação.

Fogem dando as costas, sendo apupados por uma vaia estridente dos vencedores.

O exercito francez perde n'esta batalha 4:000 a 5:000 homens; as perdas do exercito anglo-luso orçam por 1:200. N'este lance de heroismo e de bravura excepcional toma tambem parte o regimento d'infanteria n.º 18, que occupava a direita da nossa posição de defeza, repellindo vigorosamente tres successivos attas-

ques de bayoneta das aguerridas tropas de Napoleão.

Na noite do dia 27, os francezes assim completamente derrotados torneiam a serra do Bussaco para marchar sobre Lisboa, não o tendo conseguido porém porque o exercito anglo-luso ainda mais uma vez lhe tolheu os passos estendendo-se por a serrania fortificada, chamada Linhas de Torres-Vedras, oppondo-se assim á marcha dos francezes sobre a capital.

Convencendo-se Massêna da impossibilidade de forçar as Linhas, vendo-se ainda sem recursos e em frente de um exercito de valor extremado, Massêna foi-se retirando para Hespanha, saqueando e queimando as villas e cidades por onde passava.

Tal é o feito culminante dos portuguezes nas invasões francezas que fazem parte da chamada Guerra Peninsular, mostrando assim na batalha memoravel do Bussaco, cujo centenario se celebra em 27 de setembro de 1910, data gloriosa da nossa historia militar, a sua bravura excepcional e incomparavel, sempre manifestada n'outras batalhas quer antes quer depois nos differentes lances porque temos passado é em que tambem o regimento n.º 18

bastantes vezes mostrou as suas tradicionaes  
qualidades guerreiras, como ultimamente nas  
chamadas campanhas da Liberdade.

Porto, 27 de setembro de 1910.



Batalhão de E.  
BIBLIOTECA



